

RECENSÃO CRÍTICA

MACAULAY, ROSE, *THEY WENT TO PORTUGAL TOO*,
MANCHESTER, CARCANET PRESS LTD., 1990.

Luísa Alves

A Carcanet Press, editora em Inglaterra, com o apoio da Fundação Gulbenkian, da colecção **Aspects of Portugal**, em que se incluem traduções de obras de Camões e vários estudos ingleses sobre o nosso país, deu à estampa em 1990 este volume, um autêntico *ex-libris* anglo-português, cujo conteúdo um longo subtítulo explicita:

Papers from Rose Macaulay's original manuscript for *They went to Portugal*, omitted when the projected two-volume work was published as one volume in 1946, at a time of severe post-war paper rationing, here printed for the first time.

No **Preface**, L. C. Taylor, editor-coordenador, revela o interesse do espólio da autora, que se encontra na Wren Library do Trinity College de Cambridge. Entre manuscritos e originais dactilografados, acharam-se os 22 textos e o plano original da obra aqui publicados. A edição inclui ainda gravuras de locais portugueses retiradas de obras inglesas oitocentistas, dois artigos escritos em Lisboa, na Primavera de 1943, e publicados em *The Spectator*, e, em apêndice, uma tabela das linhas dinásticas de ambos os países, com os cognomes dos reis, e um apontamento sobre as ilustrações: assuntos, fontes e notas.

A explicação de tão profundo interesse da parte da escritora aparece na **Introduction**, assinada por Susan Lowndes Marques, membro de uma ilustre família luso-britânica da capital: é filha da escritora Mary Belloc Lowndes (irmã de Hillaire Belloc e amiga de Rose Macaulay, que lhe terá sugerido a vinda em 1943); mulher de Luís Marques, fundador do jornal *The Anglo-Portuguese News*; e mãe de Paulo Lowndes Marques, actual presidente de The British Historical Society (Lisbon Branch). Susan Marques foi o contacto mais directo da autora, ajudando-a nas suas excursões e pesquisas. Ela dá a saber que a real motivação da viagem ultrapassou a de uma simples fuga à guerra, pois, como sabemos, não era fácil viajar na Europa em plena segunda guerra mundial - o governo britânico viu no projecto da história dos seus súbditos em Portugal uma maneira de apoiar a neutralidade portugue-

sa e de a subordinar à aliança luso-britânica. Este dado é, por si só, suficiente para explicar o carácter conciliador da obra e também o critério que presidiu à selecção dos textos para o primeiro volume - não é surpreendente que a maioria dos rejeitados trate de política e de religião e que a amplitude temporal do *corpus* termine antes do *Ultimatum*.

A estrutura original da obra em dois volumes (cerca de 750 páginas) agrupa por temas sessenta esboços biográficos e sete abordagens de carácter mais geral, apresentando-os cronologicamente. O objectivo é construir um panorama global do interesse inglês pelo nosso país, através da actuação de certas personagens no cenário luso-britânico das respectivas épocas. Não foi escolhida apenas uma determinada perspectiva: histórica, literária, económica ou política, mas sim uma visão abrangente, um retrato humano com todas as suas componentes. No entanto, não se trata de um livro de generalidades - o trabalho de pesquisa foi importante (atestado por três anos a investigar na British Library, a ajuda de muitos especialistas, e a bibliografia indicada no final de cada capítulo) e, em bastantes casos, os textos demonstram profundidade.

O estatuto de clássico, a que a Penguin Travel Library a elevou em 1985, poderá induzir em erro quem pense tratar-se de um estudo sobre viajantes, porque é muito mais uma história de residentes do que uma antologia de peripécias de visitantes. Não obstante, os editores acharam importante juntar as impressões da autora sobre a capital ao segundo volume. Talvez tenham pecado por defeito, visto que, para além dos artigos em *The Spectator*, deveriam ter incluído também os de *The Anglo-Portuguese News* e as cartas à irmã. Para completar os escritos portugueses, restaria apenas uma referência com algum pormenor ao relato da segunda visita, bastante aventurosa, em 1947. *Dame Rose Macaulay* tornou-se conhecida como romancista, embora a viagem seja tema recorrente nas suas produções literárias. No entanto, apenas esse trabalho - *Fabled Shore* - é fruto de uma deslocação. O último capítulo intitula-se **Algarve Shore**. Dessa vez, o intuito era turístico, mas não menos invulgar, particularidade que Jane Robinson descreve com um toque de ironia:

She was infamous [...] as a desperately bad driver [...] and [...] she decided to try a land cruise along the coast of Spain [sic] from Port Bou to Cape St. Vincent [...] so vivid were her rapturous [...] descriptions of the route that soon everyone [...] was clamouring along the coast to see for themselves. *Fabled Shore* started the tourist affair with Spain that has lasted ever since: it is partly responsible for the way the coast is today. Which must make it one of the most successful - or more disastrous - travel books ever published. (*)

No caso de *They Went To Portugal*, o enorme êxito deveu-se às circunstâncias de possuir um estilo quase jornalístico, e ser simulta-

(*) *Wayward Women, A Guide to Women Travellers*, Oxford, The University Press, 1990, p. 183.

neamente agradável, a ponto de se tornar num *best-seller*, e cientificamente séria, ao constituir um enorme avanço no desenvolvimento dos estudos anglo-portugueses. Depois do trabalho de cariz literário de Félix Walter, nos anos 20, e da compilação histórica de Edgar Prestage, na década de 30, a obra de Rose Macaulay fecha com chave de ouro a trindade básica para todo e qualquer especialista do ramo. Com o aparecimento do volume complementar, esta última assume-se como uma referência definitiva, uma espécie de 'bíblia do relacionamento anglo-português - versão inglesa autorizada'.

Segundo o plano original da obra, detectamos as maiores incidências nos séculos XIX (intervenções militares), XVIII (Terramoto), XVII (Catarina de Bragança) e XVI (Reforma), que correspondem, efectivamente, às épocas de maior ligação entre os dois países. No primeiro caso há sobretudo militares e políticos, porque os ingleses vêm combater o expansionismo francês e o absolutismo espanhol; no segundo temos turistas e escritores em grande número, visto que o cataclismo lisboeta de 1755 provocou uma enorme curiosidade; no terceiro surgem numerosos diplomatas, na medida em que Portugal precisava de uma nova aliança para defender a Restauração; no quarto constatamos a presença de muitos eclesiásticos, pois era aqui que os católicos procuravam refúgio. Se juntarmos a tudo isto a vertente comercial, que é uma constante transecular, ficamos muito próximos da imagem que os britânicos têm da nossa aliança.

Em relação à metodologia adoptada, e apesar de afirmar o contrário no **Preface** do primeiro volume, a investigação de R. Macaulay foi exaustiva - são poucos os nomes dignos de menção que ficaram de fora. É óbvio que numa listagem enciclopédica se descobririam muitos outros, mas não mereceriam para além de uma referência de duas ou três linhas, e não é esse o objectivo da obra em causa. Em nossa opinião, as excepções são poucas: em **Writers**, faltam os lusófilos John Adamson e Edward Quillinan; em **Tourists**, a viajante *Lady Catherine Jackson*; em **Clergymen**, o reverendo William Kinsey; em **Soldiers**, os tenentes-coronéis James Alexander e George Landmann; e em **Lisbon British**, o anónimo APDG. Coincidentemente ou não, a equipa editorial escolheu ilustrações das obras de Kinsey, Landmann e APDG para esta publicação. De facto, são de grande qualidade e beleza as gravuras existentes nesses livros e, de certa forma, compensam a anulação a que o racionamento do pós-guerra também as sujeitou em *They Went To Portugal*.

No respeitante à selecção do *corpus*, a autora terá considerado dois vectores fundamentais: a fama e a polémica. As personalidades e factos mais famosos são quase todos mencionados no primeiro volume, enquanto os menos conhecidos e os mais polémicos terão sido preteridos e só agora são visíveis no segundo. Aplicando estes critérios aos nomes esquecidos, temos que Southey é mais importante do que Adamson, Colbatch e Hodges mais conhecidos do que Kinsey e Alexander, as opiniões de *Mrs Baillie* mais elucidativas do que as de *Lady Jackson* e, quanto aos 'reis' da polémica, os maledicentes Costigan e APDG, compreendemos a escolha do primeiro, que, não havendo assumido o

anonimato, consegue ultrapassar o segundo em (má) fama. Pena é que a autora desconhecesse ser Costigan um pseudónimo, como parece ter ficado provado recentemente.

Da mesma forma, nos textos de carácter geral, a história da comunidade britânica do Porto, **Port Wine** (1^o. v.), é mais famosa do que a de Lisboa, **Lisbon British** (2^o. v.), enquanto as disputas referidas em **Medieval Traders** (2^o. v.) ultrapassam em polémica as de **Crusaders** (1^o. v.). Capítulos de consenso generalizado como **Royalty, Writers e Earthquake** aparecem integralmente na primeira parte, ao inverso de **Exiles**, todo na segunda, e de **Enemies**, cuja designação, no livro de 1946, a autora anulou (no caso de Lord of Essex) e, no livro de 1990, seguindo o mesmo espírito, os responsáveis pela edição substituíram por **Armada** (no caso de Drake). Podemos daqui concluir que o recente volume é mais polémico e menos grandioso do que o antigo, mas igualmente necessário - só com ambos ficamos inteirados da verdadeira dimensão da obra.

Nesta segunda parte, são merecedores de especial destaque: **King Beresford**, um esboço biográfico que os historiadores apreciarão; **A Murderer**, o relato de um desentendimento judicial paradigmático; **Diplomatic Priests**, o processo de naturalização do bispo Ricardo Rozel (Richard Russell) e de frei Domingos do Rosário (Daniel O'Daly); e **Nuns Abroad**, a história da fundação do convento de Santa Brígida, em Lisboa, no ano de 1594, after wandering from refuge to refuge about the Continent for more than 35 years (p. 27).

No mesmo porto de refúgio, três séculos e meio passados, Rose Macaulay dava início à sua obra portuguesa. Segundo palavras suas, a opção do 'velho aliado' pela neutralidade, que os ingleses tanto apoiavam, fizera dele, como nunca antes, a western oasis (p. 305).

Por tudo o que ficou exposto, é com satisfação que acolhemos *They Went To Portugal Too*, e aguardamos a sua tradução para português, Seria também importante a reedição de *Ingleses em Portugal*, publicada em 1950 e há muito esgotada, tal como a saudosa colecção de que faz parte - a **Peregrina**, da Livraria Civilização Editora.